

# GESTO DE GRATIDÃO

Edson Gurgel Coelho

A gratidão é a virtude que nasce do amor. Ela é a lembrança das pessoas que nos ajudam e que nos estimam; e é ela que incentiva o nosso coração a retribuir, com dedicação, o que recebemos de bem na vida.

Muitas vezes, a gratidão revela a sua maior beleza no sorriso de agradecimento de uma criança pobre e carente, que nem sempre pode brincar ou sonhar com as fantasias da infância, porque convive com as dores da fome e do abandono.

Assim, é a vida do garoto Pedrinho, de 10 anos, que mora numa favela e que, manhã após manhã, quando o sol se levanta, ele vai para a rua e permanece próximo do semáforo, até o meio-dia. Quando um carro pára, ao sinal vermelho, ele estende a mão e pede ao motorista uma moeda. Quando recebe, beija-a; olha para o céu e depois, sorrindo, agradece.

Era manhã de sábado, quando uma médica, de nome Estelita, que diariamente trafega naquela rua para ir ao trabalho, percebe que, naquele momento, Pedrinho estava muito aflito e com lágrimas saindo-lhe dos olhos.

Então, ela pergunta:

- Garoto, por que hoje, você está tão triste?

- "Tia", é porque minha mãe está doente e não pode trabalhar, e, até agora, não consegui juntar dinheiro para comprar remédios para ela.

- Senhora, por favor, me ajude! Minha mãe é tudo o que eu tenho na minha vida...

A médica, comovida com as

lágrimas da criança, chama:

- Venha cá filho! Entre no carro e vamos a sua casa visitar a sua mãe!

Em lá chegando, a doutora se sensibiliza ao ver aquela pobre mulher – de nome Maria – chorando com dores, deitada sobre uma toalha, no chão de um barraco sem piso e sem reboco. De imediato, ela a leva para o seu hospital e dá-lhe toda a assistência.

Dias depois, Maria, já recuperada e retornando para casa, encontra, no meio de uma rua, um lindo anel de brilhante. Chegando em casa, ela pede ao Pedrinho a caixinha do presente que ele havia ganhado, na escola, por merecimento de suas boas notas.

Depois, ela coloca o anel na caixinha e fala para o filho:

- Querido, vamos dar este anel de presente à doutora, como gratidão por tudo o que ela me fez de bem para me curar, no hospital!

- Sorrindo, Pedrinho abraça a mãe e responde:

- Mamãe, é tão bonito a senhora dar esse anel para a doutora, porque ela merece muito mais! E, aqui em casa, não precisamos dele porque já temos dois brilhantes ainda mais lindos: - os seus olhos castanhos que estão sempre brilhando para nós! Eu vou também escrever um bilhete para ela e peço à senhora que assine embaixo e coloque-o dentro da caixinha.

Assim, mais tarde, após a aula, Pedrinho se dirige à mãe e lê o bilhete que escreveu:

*"Doutora Estelita, encontrei este anel na rua, que veio para a*

*senhora como um presente do Céu. E, nesta caixinha, eu e meus filhos sopraremos muitos beijos para alegrar seu coração bondoso e agradecer por tudo que a senhora fez por mim, no hospital. Que Deus sempre proteja a senhora, querida!*

*Maria".*

A mãe, muito satisfeita, assina o bilhete e guarda-o na caixinha; e, com o Pedrinho, ela vai ao hospital. No consultório da médica, entrega-lhe o presente e dá-lhe um afetuoso abraço.

A doutora emociona-se com esse amável gesto de gratidão e agradece, feliz. Na despedida, ela ainda pergunta:

- Pedrinho, por que quando você recebe uma moeda, você a beija e, sorrindo, olha para o céu; faz o "sinal-da-cruz" e só depois agradece?

- "Tia", quando beijo a moeda, eu estou é beijando o dedo de Deus, que tocou naquela mão para me dar uma esmola; e faço o "sinal-da-cruz" para agradecer a Ele e pedir também proteção para o meu benfeitor.

Surpresa com tamanha grandeza de espírito da criança e, sensibilizada com o gesto de gratidão de sua mãe, Estelita, no dia seguinte, vende o precioso anel, que recebeu de presente, e, com o dinheiro, compra uma boa casa e doa à Maria para ela deixar o barraco de taipa e ter, assim, melhores condições de criar e educar os seus três filhos pequenos.

# BLANCHARD GIRÃO – UM GRANDE AMIGO

Pedro Hudson de Paiva Silveira

**A** migos todos nós temos. Poderíamos talvez classificá-los sob graus variados de confiabilidade. Mas não é tarefa fácil, tal o comumente avultado número deles e as tão pequenas oportunidades de conhecê-los mais profundamente, ao longo da nossa convivência.

Minha convivência com Blanchard remonta ao ano de 1941, quando ingressamos no LICEU do Ceará, mediante concorrido exame chamado, na época, de admissão.

Durante os primeiros anos do currículo escolar, nossas relações eram, por assim dizer, pontuais, determinadas praticamente pelo convívio na mesma sala de aula. Explicava esse distanciamento o contraste entre meu temperamento sério, retraído e o dele geralmente alegre, extrovertido e comunicativo.

Só quando deixamos o Liceu, no ano de 1944, comecei a descobrir melhor a extraordinária dimensão humana de sua personalidade.

Esse período de nossa adolescência foi fortemente marcado pelo desenrolar da cruenta Segunda Guerra Mundial. Ao deixar o Liceu entrei na militância política e Blanchard na atividade jornalística.

Na medida que conhecia seu pensamento expresso na imprensa e no rádio, passei a notar que tínhamos visões muito aproximadas sobre o mundo conflagrado e sobre as

tremendas desigualdades sociais reinantes em nosso país.

Quando nos encontrávamos podia sentir a profundidade com que ele analisava os problemas políticos e sociais de nosso tempo e de nossa sociedade.

Num rasgo de generosidade, abriu as páginas do seu livro O LICEU E O BONDE, para transcrever, na íntegra, modesto depoimento de minha autoria, honraria dispensada, também, a outros colegas de nossa turma.

Com grande satisfação constatei que amplos setores de nossa sociedade local partilhavam de minha opinião sobre o Blanchard, como comprova o mandato de Deputado Estadual que lhe conferiram, cassado infelizmente pelo golpe militar de 1964.

Mas os grandes sofrimentos, a ele infligidos pelos chamados anos de chumbo da ditadura, não lhe abateram o espírito combativo. Pelo contrário, fizeram-lhe amadurecer ainda mais a inteligência privilegiada e o notável talento jornalístico, dotando-o de armas mais poderosas, usadas até os últimos momentos de sua vida iluminada, na luta contra a injustiça e as desigualdades sociais.

Foi da amizade sincera dessa grande figura humana que o destino ou Deus me conferiu o privilégio de privar, ao longo de mais de sessenta anos, que espero se perpetue em outras possíveis dimensões existenciais!

03/04/07

## MINHA CRÔNICA N° 999

Laurindo Ferreira

**M**esmo com relativa experiência no cipoal da produção de textos burocráticos, não, nunca, jamais, em tempo algum ocorrera-me a idéia de escrever crônicas, contos e assemelhados. Na verdade, somente a partir da metade dos anos noventa, do século passado, essa atividade começou a invadir devagarzinho as minhas terapias ocupacionais. Fato verificado após um artigo, de minha autoria, ter sido selecionado pela editoria de um matutino de Fortaleza, para publicação numa edição especial de aniversário.

Orgulhoso com o resultado, uma nova investida, e novo sucesso. Em seguida, mais uma e outras mais. A partir daí, eis que me descubro incluído no mundo literário, reinventando realidades ou criando ficções, pinçadas do imaginário cotidiano. E, hoje, sim senhor, quem diria! Pense, onde já me encontro! Exato, à beira de um milhar de crônicas.

Neste momento em que anuncio o número desta crônica como a de n° 999, reconheço que estou me expondo a perguntas de leitores, como, por exemplo, se todas elas têm sido enumeradas com o devido rigor. Se isso vier a acontecer, a resposta afirmativa será oferecida, sem rodeios, a quem interessar possa.

Mas, se essa pessoa ou outra qualquer, ainda me interrogar desejando saber onde fica inserido o tal número de ordem dos textos, responderei, simplesmente, encontrar-se em arquivo paralelo, com o título em negrito, seguindo-se uma combinação de letras, exibidas entre aspas, a partir, claro, de uma palavra-chave. Por exemplo, esta crônica receberá o código “nnn”, que quer dizer o número consecutivo 999, já acima anunciado.

Pois bem! Na vertente das premonições, ao visualizar o número seqüencial deste texto, já experimento o peso do encargo da crônica 1.000, numeral tido e havido pela nossa mídia esportiva, como mítico e cabalístico, tais as dificuldades do pebolista Romário em marcar o seu milésimo gol. Na realidade, ele ainda não o fez até o momento da elaboração deste texto, mas tem dirigido as mais diferentes promessas aos deuses do futebol.

À semelhança do martírio vivenciado pelo desportista, só em pensar na minha milésima crônica, já me vejo diante de um feito extraordinário e dulcíssimo, porém amargo. Por exemplo, quando chegar esse momento, imagino-me com os dedos retesados e adormecidos, mente dominada pelas dúvidas e múltiplas

incertezas na montagem dos períodos e parágrafos. De igual modo, sinto, prévia e antecipadamente, faltarem-me as idéias - estas fujonas - a se ocultarem na penumbra do meu intelecto, ou, talvez, a se esconderem em inexplicável bloqueio mental.

Decerto, ao pensar nesse dia - que em breve virá - já me enxergo embotado no raciocínio, com reduzida disposição rumo à descoberta de um mote para tão desejado texto.

Admito-me, inclusive, à frente do micro, sem nada de novo na imaginação. Nesse momento, pela dificuldade de superação desse obstáculo, antevejo apenas a brancura da tela do meu monitor mental, com este escriba, ali, circunspecto, olhar vago, sem lhe aflorar na mente, sequer, a lembrança de um aforismo, ou de uma metáfora poética, porque, nessa hora, suponho esteja enguiçado o motor de arranque da minha inspiração.

Enfim, abstraídos os dissabores do entristecido Romário - quem sabe, merecidos - aqui e agora, com antecedência, imploro e apelo ao protetor das artes literárias para não me deixar falhar a criatividade, na hora de me lançar a caminho da minha crônica n° 1.000!

# JOSÉ DE RIBAMAR LOPES

Luiz Mendes Filho

Poeta inspirado, talento vibrante, voz envolvente e sorriso maroto, alegria do Grupo Literário da AABNB, partiu em solo de clarinete, galgando cada degrau da escada celeste, deixando a todos nós uma profunda saudade enluarada.

Seguiu sem avisar, enlutando os corações de tantos amigos, cite-se Waldir, Syllas, Pedro Hudson, Zé Alberto e Laurindo, de cujas amizades privava e com quem dividia suas confidências de escritor.

O Banco do Nordeste, em reconhecimento aos seus méritos pessoais, fez publicar seu livro-poema “SAUDADE ENLUARADA” que, como bem afirma Nícolas de Almeida – outro grande amigo – é apenas um mínimo, face à consideração e respeito de amigos e admiradores, por esse ícone da arte e da poesia nordestinas.

Ausentou-se o amigo, mas ficou em seu livro o legado de oito sonetos inéditos e vários poemas de rara beleza, ora

povoando a mente de seus leitores, ora embalando as águas do seu Mearim, sobre cujo dorso vão rolando seus sonhos de embarcaçõ.

Solo de Clarinete é um de seus poemas inéditos e se compõe, principalmente, de três dísticos em decassílabo, com lugar previamente determinado, dos quais destacamos: “O MEARIM DA MINHA MENINICE”, “O MEARIM DA MINHA JUVENTUDE” e “O MEARIM DE TANTAS RELEMBRAÇAS”, seguidos de versos com estrofação variada, sempre em redondilha maior, recurso usado pelo autor para promover a cadência e a melodia do poema. Coisa de quem tem talento.

O MEARIM DA MINHA MENINICE – Aqui o poeta descreve um rio de águas cristalinas, puras como a sua alma de criança, alegre, doce, ondulante, como uma valsa de Strauss. É o menino conjugando o futuro do presente.

O MEARIM DA MINHA

JUVENTUDE – Este, o Mearim dos seus ímpetos de jovem, traços donjuanescos, narinas mulherengas, só inspirando o cheiro das mulheres. Agora o seu Mearim é rio de muitos apelos, rio de tantos acenos, sempre mostrando o caminho, sem nunca sair dali. É o Riba no presente do indicativo.

O MEARIM DE TANTAS RELEMBRANÇAS – “O rio que me embalou os sonhos de adolescente, que me arrastou no remanso, na correnteza da vida”, é hoje um rio sem pressa, “em sua sabedoria, a deslizar calmamente na paisagem de Pedreiras”.

Eis o poeta saudoso, com recordanças no peito, relutante em conjugar o seu pretérito perfeito.

Aceitamos o seu distanciamento físico, mas, em nossas recordações, o Ribamar Lopes se parece muito com um daqueles carneiros do morro da igreja, ornado de veste alabastrina, quieto e silencioso, sem comer, sem beber, sem balir e sem se desgarrar. Da gente.

## INTERREGNO

João Batista Coelho\*

Buscando no limiar da imensidão  
Véu protetor para os males da vida,  
Estamos vencendo uma luta aguerrida  
Que matou mais de cem do coração!

Encontramos na velhice o verdadeiro  
Elo da sabedoria universal,  
Onde na imensidão gravitacional  
Reside o Onipotente tão ordeiro.

Está chegando o momento da partida,  
Em busca de solução bem contundente,  
Pra vencer os tormentos desta lida.

Ora todos podem olhar para os seus  
Acreditando que na vida presente  
Podemos contar com a ajuda de Deus.

\*Associado e Diretor da AABNB, falecido em 15/08/2002

## METADE DE MIM

João Alencar Sobrinho

Que a vida tamanha que trago comigo  
Por motivos bisonhos não me deixe parar  
E o medo não me impeça de ser teu amigo  
Porque metade de mim é um grito de amar

Que a vida tamanha reflita num largo sorriso  
Da infância que tive e ainda posso lembrar  
E a arte de viver em paz me aquiete contigo  
Porque a outra metade é saudade, preciso sonhar

Que a vida tamanha me traga somente alegria  
Por entre o silêncio preciso escutar a tua magia  
E transformar em paz o amor que me dá todo dia

Que a vida tamanha me traga tamanho apreço  
Porque metade de mim é o amor que ofereço  
E a outra metade é tua metade que me fortaleço

## CONSTRUÇÃO

Mairton Menezes

Máquinas estridentes  
Deixam o solo em convulsão  
Sulcando a terra, rasgando o barro  
É o eco do progresso...  
Surgem do chão profundo  
Pepitas de concreto e aços pontiagudos  
Amálgama do futuro...  
Suor escravo do presente

Ergue-se lento no febril espaço  
Embalado por mãos famintas  
Eis enfim o gigante petrificado...  
Não importa a fragilidade dos obreiros  
Nem o suor e as lágrimas que rolaram  
...E as vidas ceifadas nos canteiros?  
O que importa é a beleza arquetônica  
O artífice perdeu-se no anonimato.

# A PENÚLTIMA MENTIRA DO CORONEL

Parte I

José Alberto de Souza

“A mentira é um vício apenas quando faz mal;  
quando faz bem é uma grande virtude.”  
(Anatole France - escritor francês)

Uma das poucas diversões para as pessoas mais maduras daquela cidadezinha era a reunião que faziam nas tardes de sábado (véspera da feira dominical de negócios), no calçadão da mercearia localizada num dos cantos da praça da igreja.

Às vezes pouca gente comparecia, mas na maioria mais de trinta pessoas lá se comprimiam e muitas contavam seus casos extravagantes. Caçadores, pescadores, camponeses, matutos - e até forasteiros - davam seu testemunho de estranhos acontecimentos, usando sua linguagem peculiar e sua teatralidade natural. Os mais ingênuos acreditavam em tais estórias; a grande maioria, porém, julgava serem petas e potocas dos mais variados matizes.

Há mais de dois meses o coronel Epaminondas, homem abastado do lugar, em terras e dinheiro vivo como apregoavam, não comparecia àquele tradicional encontro, gerando uma grande expectativa pelo seu retorno. Soube-se que ele se deslocara à Capital (distante cerca de cem léguas) para receitar-se e rever seus chefes políticos.

A boa notícia era que ele estaria presente no próximo sábado, prevendo-se um grande comparecimento à pracinha da igreja. É que o homem era um exímio contador de estórias espalhafatosas, mas ninguém, ninguém mesmo, tinha o topete, a ousadia, de rir ou tentar ridicularizar o coronel, sob pena de sofrer represálias, que se diziam imprevisíveis. Jamais, em vários anos de convivência, alguém tivera a coragem de contestar o que ele dizia, fosse por meio de perguntas inconvenientes, fosse por risos de deboche altissonantes. Ele se considerava o expositor da verdade indiscutível, embora suas estórias contivessem passagens hilariantes e bem distantes da realidade.

O fim de semana estava sendo ansiosamente aguardado por amigos e inimigos do coronel, pois todos esperavam pelo menos uma mentira à altura da tradição, de modo que nos dias seguintes as pessoas tivessem o que repassar e ridicularizar em casa, nos bares e nas rodas de papo da pracinha. A expectativa era grande, muito grande mesmo.

Finalmente o sábado chegou e com ele a esperança de reverem o coronel contando lorotas com o tom de seriedade que lhe era peculiar nestas ocasiões. Logo no início da tarde, os bares e mercearias da pracinha começaram a receber futuros participantes do tradicional encontro de mentirosos e farsantes, especialmente porque queriam gozar das deliciosas e mirabolantes estórias do coronel Epaminondas.

Lá pelas quatro horas da tarde já iniciaram a falar os primeiros loroteiros.

Um deles contou que, numa de suas caçadas no Serrote Negro, ao ser atacado por uma onça pintada, revestiu-se de extrema coragem e, num lance de muita destreza, pegou a

bicha pelo rabo, deu uma rodada no ar com a monstra e jogou-a a uns cinqüenta metros de distância. Quando foi procurá-la, cuidadosamente, encontrou-a enfiada pelo pescoço numa estaca pontuda da cerca, morta. Aí foi fácil retirar o precioso couro da pobrezinha...

A risada foi geral. Ninguém se conteve. Houve quem indagasse se o sonho fora cedo da noite ou só de madrugada. O narrador não gostou e fez uma cara feia para o interlocutor, mas os ânimos logo se acalmaram com a interferência de outro participante.

Nem mal o caçador encerrou sua estória, já outro emendou com a dele: certa vez viajara para a praia com a família e qual não foi sua surpresa ao visitar, dentre as atrações do lugar, uma extensa plantação de coqueiros. Maravilhado com a grandiosidade do coqueiral, mais ainda lhe surpreendeu a residência do proprietário, que dispunha de uma piscina de água de coco, pois a safra de cocos fora surpreendente e o dono não encontrara outra solução senão aquela. E ele verificara a veracidade, metendo a mão na piscina e provando a água que a mantinha cheia...

A risadeira, mais uma vez, foi geral. Alguém até comentou com malícia se ele vira, ou não, o monte de cascas dos cocos resultante de tanta água...

Um terceiro homem, pessoa bastante respeitada no lugarejo, interveio para contar que certa vez vinha numa caminhonete (ainda nos tempos da piçarra), e, ao olhar para o chão, havia visto uma agulha de costurar. E um amigo dele, mais que depressa, encompridou a conversa:

— Compadre, não foi aquela que eu também vi e

lhe disse que estava sem fundo para colocar a linha?!

Os risos surgiram de imediato, porque era uma mentira encima da outra, de modo que um não podia desmentir o outro.

Acalmada a situação, um quarto homem, surgindo do anonimato, porquanto poucos o conheciam, apropriou-se do espaço de tempo para falar. Aproximou-se dos que estavam na primeira fila da roda de gente e apresentou sua estória:

— Lá pras bandas do sertão de Quixeramobim, não faz muito tempo, um fazendeiro dono de léguas e léguas de terras, ficou apavorado com o excesso de chuvas daquele ano; se seu açude arrombasse, muitas plantações, casas e alguma cidade no caminho do sangradouro seriam tragadas pelas águas. Aí não teve outra alternativa: pegou umas três toneladas de queijos ainda armazenados de anos anteriores, já começando a endurecer, juntou com pedras e reforçou a parede do açude resolvendo o problema. Eu vi com estes meus olhos que a terra há de comer!

Continua no próximo Encarte